

ANÁLISE DO PERFIL DE FAMILIARES DE PACIENTES EM TRATAMENTO HEMODIALÍTICO¹

Fernanda Duarte Siqueira², Eniva Miladi Fernandes Stumm³.

¹ Trabalho relacionado ao projeto de pesquisa institucional Avaliação da Dor, Estresse e Coping em Pacientes e Familiares no Âmbito Hospitalar

² Graduanda do Curso de Enfermagem da UNIJUI. Bolsista PIBIC/CNPq, nandadu29@hotmail.com.

³ Enfermeira, Doutora em Ciências, Docente do Curso de Enfermagem e do programa de pós-graduação strictu sensu UNICRUZ/UNIJUI. eniva@unijui.edu.br.

Introdução

A doença renal crônica (DRC) é um problema de saúde pública. A Sociedade Brasileira de Nefrologia (2014) conceitua DRC como a perda lenta, progressiva e irreversível das funções renais. Em nível mundial, dados da mesma fonte afirmam que cerca de 1,5 milhão de pessoas estão em tratamento hemodialítico, destes 100.397 no Brasil e 12.286 no Estado do Rio Grande do Sul.

As modalidades de tratamento ao doente renal crônico compreendem: hemodiálise (HD), diálise peritoneal ambulatorial contínua (DPAC), diálise peritoneal intermitente (DPI), diálise peritoneal automatizada (DPA) e transplante renal (RIELLA, 2003). Dentre os diferentes tipos de tratamento destaca-se a hemodiálise.

A hemodiálise traz inúmeras consequências negativas ao paciente, físicas e psíquicas, dentre elas isolamento social, dificuldade para locomoção e atividade física, perda da autonomia, modificações na imagem corporal e sentimento de morte iminente (DAVISON, 2010). Além desses, existem os efeitos adversos causados pelo tratamento hemodialítico, os quais incluem: obstrução de cateter, retirada acidental da agulha, funcionamento inadequado da máquina de hemodiálise, rompimento da fibra do capilar, processo alérgico a hemoderivados, queda da própria altura e erro na administração de medicação (SOUSA et al., 2013).

Centenaro (2010) afirma que o paciente em tratamento hemodialítico necessita se deslocar até a clínica de diálise três vezes por semana e permanecer de três a quatro horas em diálise, fato este que pode desencadear desconforto físico e mental. Nesse contexto, a família do paciente renal crônico igualmente sofre diante da doença renal, das alterações impostas no cotidiano e que podem contribuir para o desencadeamento de danos físicos, sociais e emocionais (ZANETTI; STUMM; UBESSI, 2013).

Diante da complexidade do tratamento hemodialítico e de suas consequências, o paciente necessita de apoio e a família é uma das principais fontes de amparo (BARRETO; MARCON, 2012). Ela configura-se em um sistema de troca de experiências entre seus integrantes de maneira que uma situação influencia o todo, ou seja, o fato de ter um dos seus membros doentes irá atingir toda a família (SANTOS 2013).

Com base nessas considerações busca-se com a presente pesquisa responder a seguinte questão: qual é o perfil de um grupo de familiares de pacientes renais crônicos, em tratamento hemodialítico

Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico

Evento: XXIII Seminário de Iniciação Científica

em um hospital geral? Com vistas a responder a questão formulada estabeleceu-se como objetivo: avaliar o perfil de familiares de pacientes renais crônicos que hemodialisam em uma Unidade Nefrológica.

A construção deste estudo é importante por possibilitar conhecer o perfil destes sujeitos que acompanham seus familiares com doença renal crônica, com prognóstico reservado.

A partir desse conhecimento o enfermeiro pode planejar e desenvolver ações direcionadas ao cuidado desses indivíduos que muitas vezes necessitam modificar seus hábitos de vida pessoal, familiar e profissional para cuidar do seu ente querido com uma doença que ele terá que aprender a conviver e que não tem cura.

Metodologia

Trata-se de um estudo descritivo, transversal de abordagem quantitativa, desenvolvido em uma Unidade Renal de um hospital porte IV de um município do Noroeste do Rio Grande do Sul.

Participaram da pesquisa 52 familiares de pacientes renais crônicos em tratamento hemodialítico. A coleta de dados ocorreu nos meses de maio a junho de 2014, com o seguinte instrumento: formulário de caracterização e hábitos de vida.

Os critérios de inclusão elencados foram os seguintes: ser familiar de paciente renal crônico em tratamento de hemodiálise na unidade; ter 18 anos ou mais de idade e aceitar assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Os critérios de exclusão foram: familiares com dificuldade em compreender e/ou responder às questões contidas no instrumento de coleta de dados. O formulário de caracterização continha as seguintes variáveis: idade, sexo, estado civil, filhos, grau de parentesco-afinidade. Os hábitos de vida incluem: atividade física, alimentação e outros.

A análise dos dados foi realizada com o uso de estatística descritiva e do software estatístico SPSS. Foram observados todos os preceitos éticos que envolvem uma pesquisa com pessoas, conforme Resolução nº 466 de dezembro de 2012 do Ministério da Saúde que estabelece parâmetros na pesquisa com seres humanos. Projeto de pesquisa aprovado por Comitê de Ética, Parecer Consubstanciado nº 427.613/2014.

O presente trabalho integra a pesquisa institucional Avaliação da dor, estresse e coping de pacientes e familiares no âmbito hospitalar.

Resultados e Discussão

Nesta etapa da pesquisa participaram 52 familiares de pacientes em tratamento hemodialítico em uma Unidade Nefrológica. Na tabela 1 são explicitadas as características deles segundo o sexo. Nesta se constata que os maiores percentuais são de mulheres idosas, seguido das com idade de 50 a 60 anos incompletos e de mulheres com menos de 30 anos de idade. Estes dados vão ao encontro de estudo realizado por Abreu et al. (2013) com 40 cuidadores familiares de idosos portadores de doenças crônicas. Eles demonstraram que as mulheres, habitualmente, são cuidadoras em maior proporção do que os homens e isso pode estar relacionado a maior disponibilidade de tempo e predisposição para assumir as tarefas inerentes aos cuidados com o familiar doente.

Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico
Evento: XXIII Seminário de Iniciação Científica

Tabela 1: Características dos familiares de pacientes renais crônicos segundo o sexo em uma Unidade Nefrológica da mesorregião do Noroeste do Rio Grande do Sul

Características	Sexo		Total n (%)
	Feminino n (%)	Masculino n (%)	
Idade			
Menos de 30 anos	8 (15,4)	3 (5,8)	11 (21,2)
30 --- 40 anos	6 (11,5)	1 (1,9)	7 (13,5)
40 --- 50 anos	4 (7,7)	3 (5,8)	7 (13,5)
50 --- 60 anos	12 (23,1)	1 (1,9)	13 (25,0)
Mais de 60 anos	8 (15,4)	6 (11,5)	14 (26,9)
Situação conjugal			
Casado/Companheiro	27 (51,9)	9 (17,3)	36 (69,2)
Solteiro	7 (13,5)	5 (9,6)	12 (23,1)
Divorciado/Separado	1 (1,9)	-	1 (1,9)
Viúvo	3 (5,8)	-	3 (5,8)
Filhos			
Sim	30 (57,7)	10 (19,2)	40 (76,9)
Não	8 (15,4)	4 (7,7)	12 (23,1)
Média ± DP (Mínimo; Máximo)			

Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico
Evento: XXIII Seminário de Iniciação Científica

Número de filhos			
Um	9 (22,5)	3 (7,5)	12 (30,0)
Dois	8 (20,0)	3 (7,5)	11 (27,5)
Três	9 (22,5)	-	9 (22,5)
Quatro	3 (7,5)	-	3 (7,5)
Cinco	1 (2,5)	1 (2,5)	2 (5,0)
Sete	-	3 (7,5)	3 (7,5)
Escolaridade			
Ensino Fundamental	21 (40,4)	9 (17,3)	30 (57,7)
Ensino Médio	16 (30,8)	4 (7,7)	20 (38,5)
Graduação	1 (1,9)	1 (1,9)	2 (3,8)
Grau de parentesco			
Filho(a)	12 (23,1)	3 (5,8)	15 (28,8)
Esposa	9 (17,3)	1 (1,9)	10 (19,2)
Esposo	2 (3,8)	4 (7,7)	6 (11,5)
Amigo	5 (9,6)	-	5 (9,6)
Irmão(a)	2 (3,8)	1 (1,9)	3 (5,8)
Mãe/Pai	2 (3,8)	-	2 (3,8)
Nora/Genro	1 (1,9)	2 (3,8)	3 (5,8)
Tio	1 (1,9)	-	1 (1,9)
Outro	2 (3,8)	2 (3,8)	4 (7,7)
Total	38 (73,1)	14 (26,9)	52 (100)
DP = Desvio Padrão.			

Quanto a situação conjugal dos familiares participantes da pesquisa, se constata que o maior percentual igualmente é de mulheres casadas e ou com companheiro, seguido de solteiras, viúvas e divorciadas/separadas. Conforme o mesmo estudo de Abreu et al. (2013), a condição de a pessoa ter um(a) companheiro(a), traz benefícios a quem cuida como, por exemplo, apoio emocional e redução do sentimento de solidão.

Quanto ao grau de parentesco dos pesquisados em relação aos pacientes renais crônicos em tratamento hemodialítico, evidencia-se que os maiores percentuais são de filhas, esposas e maridos. As respectivas mulheres possuem em média de um a três filhos e este resultado vai ao encontro de dados do IBGE (2010), no qual se constata que a quantidade de filhos por mulher reduziu de 2,38 para 1,9 em dez anos.

Quanto a variável escolaridade verifica-se que a maioria dos participantes cursou o Ensino Fundamental. Este resultado mostra que a referida condição dos familiares pesquisados pode interferir na compreensão da informação recebida, desencadear ansiedade e angústia pelo fato de não entender o próprio processo de adoecimento do seu familiar, pelo aporte de conhecimento insuficiente. Abreu et al. (2013) contribuem ao afirmarem que um baixo nível de escolaridade repercute no auxílio, nos cuidados, na qualidade da atenção ao idoso, como barreira no processo da educação em saúde.

Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico

Evento: XXIII Seminário de Iniciação Científica

Com relação ao vínculo familiar com o doente crônico, a maioria era de filhas seguido de esposa, esposo, amigos, irmãos, nora e ou genro. Este resultado igualmente vem ao encontro de estudo com 12 indivíduos com doença crônica não transmissível e 10 cuidadores familiares assistidos pelo projeto de extensão “Assistência e Apoio a família de pacientes crônicos no domicílio”, vinculado ao Núcleo de Estudos, Pesquisa, Assistência e Apoio à Família (NEPAAF) do Departamento de Enfermagem da Universidade Estadual de Maringá. O objetivo foi conhecer como doentes crônicos e cuidadores familiares vivenciam o cuidado, bem como apreender a influência desses cuidados nas relações familiares revelou a filha como primeira opção para cuidadora.

Quanto aos hábitos de vida dos pesquisados, se constata que as mulheres 74,6%, em percentuais mais elevados do que os homens 25,4%, realizam exercício físico e optam por uma alimentação mais saudável.

Com base nos resultados obtidos, aliado ao posicionamento dos autores referenciados, pensa-se que o enfermeiro por estar em contato direto com paciente, família e demais membros da equipe multiprofissional, é responsável por orientar o paciente e a família sobre a doença, suas implicações e limitações, assim como informar sobre o plano terapêutico, os aspectos técnicos do processo de hemodiálise e os possíveis problemas físicos e emocionais que o paciente possa vir a apresentar. Conhecer a família do paciente proporciona subsídios para orientá-la, suprir suas dúvidas e amenizar seus sentimentos em relação à doença e ao tratamento do seu familiar (FRAZÃO et al., 2014).

Considera-se que o enfermeiro ao assistir o paciente renal crônico deve incluir a família com o intuito de orientá-los adequadamente por meio de uma abordagem clara, simples e objetiva. É importante esclarecê-los tanto quanto ao diagnóstico e prognóstico da doença, pelo fato de ambos os sujeitos – paciente e família – necessitarem ter um melhor preparo e apoio para enfrentar adequadamente a doença renal crônica.

Conclusão

A construção deste estudo possibilitou conhecer o perfil desses sujeitos que acompanham seus familiares com doença renal crônica em tratamento hemodialítico bem como proporciona subsídios para melhor orientá-los.

Esses resultados são importantes para a enfermagem no sentido de favorecer o desenvolvimento de ações direcionadas ao cuidado desses indivíduos bem como reforçam a necessidade de aprimorar a qualidade desse cuidado e o apoio aos familiares, pois eles também sofrem, muitas vezes abrem mão da sua vida pessoal, familiar e profissional para cuidar do seu ente querido e precisam adaptar-se à condição de uma doença crônica.

Palavras-chave: Doença Renal Crônica; Família; Enfermagem.

Referências Bibliográficas

ABREU, T. G. T. et al. Cuidadores familiares de idosos portadores de condição crônica. Rev Pesq Saúde, 14(3):145-149, set./dez. 2013. Disponível em <<http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/revistahuufma/article/view/278>>. Acesso em: 10/02/2015.

Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico

Evento: XXIII Seminário de Iniciação Científica

BARRETO, M. S.; MARCON, S. S. Doença renal crônica: vivências e expectativas do cuidador. Rev. Enferm. UERJ, Rio de Janeiro, 20(3):374-7, jul./set. 2012. Disponível em: <http://www.facenf.uerj.br/v20n3/v20n3a16.pdf>. Acesso em: 12/02/2015.

BOVER A. Cuidadores informales de salud del ámbito domiciliario: percepciones y estrategias de cuidado ligadas al género y a la generación [tese]. Palma de Mallorcs (ES): Universitat des les Illes Balears, Departament de Ciències de l'Educació; 2004. Disponível em: <http://www.tdx.cat/bitstream/handle/10803/9387/tabb1de1.pdf?sequence=1>. Acesso em: 18/02/2015.

CENTENARO, G. A. A intervenção do serviço social ao paciente renal crônico e sua família. Ciênc. Saúde Coletiva, v. 15, supl. 1, jun. 2010. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232010000700102>>. Acesso em: 15/02/2015.

DAVISON, S. N. End-of-life care preferences and needs: perceptions of patients with chronic kidney disease. Clinical Journal of the American Society of Nephrol, 5(2):195-204, 2010.

FRAZÃO, C. M. F. Q. et al. Cuidados de enfermagem ao paciente renal crônico em hemodiálise. Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste, v. 15, n. 4, 2014. Disponível em: <<http://www.revistarene.ufc.br/revista/index.php/revista/article/view/1592>>. Acesso em: 10/02/2015.

PÁGINA DO JORNAL NACIONAL. Censo IBGE. 2010. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2012/05/pesquisa-revela-reducao-na-taxa-de-fecundidade-no-brasil.html>>. Acesso em: 13/02/2015.

RIELLA, M. C. Princípios de nefrologia e distúrbios hidroeletrólíticos. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

SANTOS, Q. N. Estratégia de enfrentamento (coping) da família ante um membro familiar hospitalizado: uma revisão de literatura brasileira. Mudanças – Psicologia da Saúde, 21(2):40-47, jul./dez. 2013. Disponível em: <<http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=703768&indexSearch=ID>>. Acesso em: 26/12/2014.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE NEFROLOGIA. Censo: centro de diálise no Brasil. 09 nov. 2014. Disponível em: <<http://www.sbn.org.br/index.php?censos>>.

SOUSA, M. R. G. et al. Eventos adversos em hemodiálise: relatos de profissionais de enfermagem. Rev. Esc. Enferm. USP, v. 47, n. 1, p. 76-83, 2013.

ZANETTI, T. G.; STUMM, E. M. F.; UBESSI, L. D. Stress and coping in families of patients in an intensive care unit. Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental, v. 5, n. 2, p. 3608-3619, mar. 2013. Disponível em: <<http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/2125>>. Acesso em: 04/12/2014.